

Orquestra Barroca

Casa da Música

Laurence Cummings cravo e direcção musical

Persephone Gibbs violino

Filipe Quaresma violoncelo

Trevor McTait viola

Raquel Massadas viola

Pedro Castro oboé

Andreia Carvalho oboé

18 Set 2022 - 18:00 Sala Suggia

PARES AMOROSOS

ANO DO AMOR



casa da música



Leia o código QR e veja a entrevista com o maestro Laurence Cummings sobre o programa do concerto.

A CASA DA MÚSICA É MEMBRO DE



1ª PARTE

Antonio Vivaldi

Concerto para violino e violoncelo em Si bemol maior, RV 547 (séc. XVIII; c.10min)
Allegro (moderato) — Andante — Allegro molto

Tomaso Albinoni

Concerto a 5 para dois oboés em Dó maior, op. 9 n.º 9 (c.1721; c.10min)
Allegro — Adagio (non troppo) — Allegro

Georg Philipp Telemann

Concerto para duas violas, TWV 52:G3 (c.1740; c.8min)
Avec douceur — Gay — Largo — Vivement

Antonio Vivaldi

Concerto para oboé e violoncelo em Sol menor, RV 812 (séc. XVIII; c.12min)
Allegro — Largo cantabile — Allegro cantabile

2ª PARTE

Joseph Haydn

Concerto para violino e cravo em Fá maior, Hob. XVIII:6 (a.1766; c.18min)
Allegro moderato — Largo — Presto

Johann Christian Bach

Sinfonia concertante para violino e violoncelo com orquestra, WC 34
(pub.1775; c.18min)
Andante di molto — Rondeau (Allegro assai)

CICLO GRANDES CONCERTOS DUPLOS

Neste concerto, Filipe Quaresma toca num violoncelo construído por Domenico Montagnana que pertenceu a Guilhermina Suggia. A Casa da Música agradece à Câmara Municipal do Porto a cedência do instrumento.

Barrocos e Galantes, um mundo em transição

A transição estilística entre o barroco e o galante em música, que culminou no classicismo do qual Haydn e Mozart foram os maiores representantes, foi um processo gradual iniciado pouco antes de meados do séc. XVIII. Adveio de inovações propostas na ópera napolitana, caracterizadas pela consolidação do *bel canto*, da primazia da melodia acompanhada por uma harmonia clara num sistema tonal efectivamente organizado, com uma visão mais solar de mundo, traduzida em mais leveza do discurso e ritmo harmónico mais lento. É música que apela menos ao conflito e mais aos conceitos do belo e do agradável, ao culto à forma, privilegiando o equilíbrio em detrimento da densidade do barroco. Há um gradual abandono da severidade do contraponto para dar lugar ao delicioso reino da melodia acompanhada. O interesse passa do virtuosismo das escalas e arpejos e da imitação das fugas para o lirismo da melodia *cantabile*. Na música instrumental, deu-se uma “evolução” para linhas instrumentais que mais se aproximavam de linhas vocais, com grande influência da ópera italiana, como já ocorria nos andamentos lentos dos concertos barrocos em compositores como Vivaldi, Albinoni e Telemann — andamentos que eram como “árias de ópera sem palavras”.

Compositores como Leonardo Leo (1694-1744), Giovanni Battista Sammartini (1700-1775) e Johann Christian Bach (1735-1782), o Bach inglês, são tidos como alguns dos exemplos mais bem acabados do uso do estilo galante na música instrumental — este último influenciou grandemente o jovem Mozart durante a sua passagem por Londres, em 1764. Também Joseph Haydn (1732-1809), como tantos outros compositores da sua geração,

absorveu essas inovações e desenvolveu o seu estilo muito próprio, que culminou numa estupenda produção de música de câmara e sinfónica e também em excelentes concertos para instrumento solista e orquestra.

No entanto, para que essa transição pudessem ocorrer, o concerto barroco para instrumentos solistas e orquestra teve de chegar ao ápice do seu desenvolvimento e, aos poucos, absorver as influências galantes e transformar-se. Não se tratou de um processo linear, mas sim de universos estilísticos paralelos que se influenciavam mutuamente, em fusão e transformação contínua. Os procedimentos do barroco, como o contraponto e alguns aspectos do virtuosismo instrumental, não foram abandonados, mas sim gradualmente adaptados. É claramente possível observar a influência do estilo galante nas obras de Telemann, por exemplo, tanto as vocais quanto as instrumentais. Assim, não haveria concertos galantes de compositores como J. C. Bach e Haydn sem o desenvolvimento proposto por Albinoni, Telemann e Vivaldi.

Ao falarmos de **Antonio Vivaldi** (1678-1741) e do seu domínio da escrita instrumental, vem-nos à mente a definição de Roland de Candé sobre o lirismo muito pessoal que constitui a essência do génio vivaldiano; a sua música soa “fácil”, dessa facilidade sublime que qualquer movimento bem executado sugere. Tudo o que Vivaldi escreve “soa” admiravelmente bem. Ele conhece o poder de fórmulas simples, criteriosamente repetidas com variações subtis; ele sabe o quanto a célula temática mais elementar (...) pode libertar energia musical eufórica, desde que a realização instrumental

seja perfeita.¹ Vivaldi, de facto, foi dos compositores de concertos mais admirados na sua época, amplamente editado e conhecido, e adaptado por personalidades como Johann Sebastian Bach (1685-1750).

O Concerto de Vivaldi que abre o presente concerto, criado para violino e violoncelo solistas na tonalidade de Si bemol maior, RV 547, apresenta as características definidoras da escrita instrumental barroca, em que o primeiro andamento é apresentado por arpejos e escalas em uníssono pela orquestra e solistas, com um motivo que depois é reapresentado nos *ritornelli* modulatórios. Diferentemente da escrita habitual de Vivaldi para dois ou mais solistas, cada um com a sua apresentação do tema, neste concerto tanto o violino quanto o violoncelo iniciam logo de forma imitativa e contundente, com figurações que lembram o tema do *ritornello* principal. Essa constante presença dos dois instrumentos, que se fundem constantemente com as linhas da restante orquestra, traz uma sensação mais próxima de um concerto grosso ou de uma obra sem solistas realmente definidos, como os concertos para orquestra (pelo menos em comparação

¹ *Ce lyrisme très personnel, qui constitue l'essence du génie vivaldien, n'est pas exempt de facilité, de cette facilité sublime que suggère tout mouvement bien exécuté, celui de l'athlète comme celui de l'artiste. (...) Tout ce qu'écrivit Vivaldi « sonne » admirablement. Il connaît la puissance des formules simples, judicieusement répétées avec de subtiles variations; il sait combien la cellule thématique la plus élémentaire, formée par exemple sur l'accord du ton ou même sur un simple saut d'octave, peut libérer d'énergie musicale euphorisante, pourvu que la réalisation instrumentale en soit parfaite.* — Roland de Candé (in *Vivaldi*, Seuil, 1967)

com os concertos em que é mais evidente o papel solista dos instrumentos). No segundo andamento, de extremo lirismo, Vivaldi mantém a técnica imitativa entre os solistas como prevalente, mas poderia ser muito bem um dueto vocal. O andamento final, em ritmo de dança ternária, possui os solos mais evidentes, mas é nos momentos de *tutti* orquestral que a obra revela o seu maior interesse, pois mostra-nos outra vez um Vivaldi no auge da sua criatividade composicional e no soberbo uso dos contrastes rítmicos entre as partes.

Um dos aspectos que tornam o *Concerto in Sol minore, per oboe, violoncello, archi e basso continuo*, RV 812, especialmente interessante é o facto de ter sido encontrado e atribuído a Vivaldi em 2008, numa tendência dos estudos vivaldianos mais actuais: a de identificar ou atribuir a Vivaldi obras encontradas num verdadeiro mar de manuscritos musicais anónimos conservados em diversas bibliotecas pelo mundo. Essas atribuições foram estabelecidas principalmente graças à presença de algumas concordâncias musicais com outras obras autênticas de Vivaldi, bem como em virtude de outras referências bibliográficas, paleográficas e biográficas. De facto, a escrita vivaldiana é bastante clara, com a presença das típicas marchas harmónicas e da energia temática nos andamentos rápidos, enquanto o andamento lento e intermédio é um inspirado *cantabile*.

O programa prossegue com um concerto para dois oboés de **Tomaso Giovanni Albinoni** (1671-1750), compositor italiano que, ainda que tenha produzido um grande número de óperas e cantatas a solo, é conhecido hoje pela sua música instrumental, que consta de 99 sonatas, 59 concertos e 9 sinfonias. Esta atraiu grande atenção de Johann Sebastian Bach, que escreveu pelo menos duas fugas

sobre temas de Albinoni (Fuga em Lá maior sobre um tema de Tomaso Albinoni, BWV 950, e Fuga em Si menor sobre um tema de Tomaso Albinoni, BWV 951) e frequentemente usava os seus baixos para exercícios harmônicos destinados aos seus alunos. Parte da obra de Albinoni foi perdida na Segunda Guerra Mundial com a destruição da Biblioteca Estatal de Dresden. Como resultado, pouco se sabe da sua vida e música após meados da década de 1720. Foi o primeiro italiano conhecido a empregar o oboé como instrumento solo em concertos (c. 1715, no seu op. 7). Em vida do compositor, essas obras foram comparadas favoravelmente com as de Arcangelo Corelli e Antonio Vivaldi. O concerto hoje apresentado integra os *12 Concerti a cinque* (op. 9) publicados em 1722, dedicados a Maximiliano II Emanuel, Eleitor da Baviera. No concerto n.º 9 é especialmente interessante a facilidade melódica de Albinoni, que se revela em particular no andamento lento.

Georg Philipp Telemann (1681-1767) foi um compositor extremamente profícuo na sua longa vida, que soube como poucos absorver os modelos dos estilos nacionais e moldá-los às necessidades da sua produção massiva de música instrumental e vocal, sempre com grande refinamento. Ainda que actualmente menos celebrado que Vivaldi ou Händel, talvez por a sua música não possuir tão abundantemente a facilidade melódica italiana presente em Albinoni ou o nível de maestria que conseguiu Händel, a sua imensa produção é merecedora de destaque pelo refinamento técnico e pelo bom gosto. A influência francesa é evidente no seu concerto para duas violas e orquestra, não apenas pela sonoridade muito particular da textura a cinco vozes própria da música francesa (ainda que as linhas estejam escritas a

seis vozes, fica evidente que as linhas das violas são pensadas como uma só organicidade), mas também pelo gosto temático e pelas estruturas de danças sugeridas nos andamentos. Os diálogos das violas com a restante orquestra são bastante elegantes, não havendo tantos contrastes ou mudanças emocionais como na música de Vivaldi e mesmo na de Albinoni ora apresentadas. O seu discurso musical é mais contido. No contexto do presente programa, é a obra mais transicional entre os estilos barroco e galante, antecipando uma transparência de escrita e de texturas que poderá ser observada nas obras que se apresentam na segunda parte.

Joseph Haydn (1732-1809) quase não é lembrado como um compositor de concertos, mas sim pela sua centena de sinfonias que revolucionaram esse género instrumental, assim como pela sua música de câmara, especialmente os soberbos quartetos de cordas. No entanto, escreveu uma série de concertos habilidosos e encantadores, mas que, quando comparados com a produção de contemporâneos seus como Johann Christian Bach e Wolfgang Amadeus Mozart, podem soar um pouco antiquados em linguagem e estrutura. Os concertos, embora não tenham a mesma profundidade e amplitude do que os seus quartetos de cordas e sinfonias, são obras inspiradas que contêm, sem sombra de dúvidas, um fluxo quase inesgotável de imaginação, com belíssimos usos de contrastes e marchas harmónicas. Escrito por volta de 1765, o delicioso Concerto Duplo em Fá maior foi destinado originalmente a órgão e violino, mas mesmo no tempo de Haydn a parte dedicada ao teclado era mais frequentemente tocada no cravo ou no pianoforte.

Johann Christian Bach (1735-1782) foi o mais jovem dos filhos músicos de Johann Sebastian Bach. Nasceu em 1735, quando o seu pai já contava 50 anos de idade, o que em grande parte explica o contraste entre as suas linguagens musicais. Ainda assim, recebeu instrução musical do pai até à morte deste, em 1750, para a seguir estudar e trabalhar com o seu irmão mais velho, Carl Philipp Emanuel Bach. Após estudos em Itália com o Pe. Giovanni Martini, fixou-se em Londres, onde desenvolveu uma brilhante carreira. Foi justamente essa diversidade de influências e, sobretudo, esse tempo em Itália — berço das novidades musicais e artísticas — que moldaram a sua linguagem musical, fundindo a destreza e a técnica da escrita germânica com a naturalidade melódica italiana. Tais elementos podem ser ouvidos na encantadora Sinfonia concertante WC 34 em Lá maior para violino e violoncelo, publicada em 1775. Nesta obra em dois andamentos, ainda que a escrita a solo privilegie o violino e o violoncelo, os oboés possuem um forte protagonismo no discurso musical sendo, portanto, uma escolha bastante apropriada para encerrar o presente concerto, em que todos os instrumentos solistas se unem à orquestra.

RICARDO BERNARDES

Laurence Cummings

cravo e direcção musical

Laurence Cummings é um dos músicos mais versáteis e entusiasmantes na corrente da interpretação histórica em Inglaterra, como maestro e como cravista. É director musical da Academy of Ancient Music, do Handel Festival de Londres e da Orquestra Barroca Casa da Música. Na temporada 2020/21 organizou a última edição do Festival Internacional Händel de Göttingen na qualidade de director artístico, cargo que ocupou durante dez anos. É considerado uma autoridade na música de Händel e um dos melhores divulgadores do compositor em todo o mundo.

Aclamado frequentemente pelas suas interpretações sofisticadas e empolgantes nos teatros de ópera, tem-se apresentado um pouco por toda a Europa, dirigindo produções para a Ópera de Zurique (*Belshazzar*, *King Arthur*), o Theater an der Wien (*Saul*), a Ópera de Gotemburgo (*Orfeu e Eurídice* de Gluck, *Giulio Cesare*, *Alcina* e *Idomeneo*), o Théâtre du Châtelet (*Saul*) e a Ópera de Lyon (*Messias*). No Reino Unido é convidado regular da English National Opera (*Radamisto*, *L'Incoronazione di Poppea*, *Semele*, *Messias*, *Orfeu* e *Indian Queen*), do Glyndebourne Festival (*Saul*, *Giulio Cesare* e *Fairy Queen*) e do Garsington Opera (*L'Incoronazione di Dario*, *L'Olympiade* e *La Verita in Cimento* de Vivaldi). Apresentou-se ainda no Linbury Theatre da Royal Opera House (*Berenice* e *Alceste*), na Opera North (*L'Incoronazione di Poppea* e a planeada produção do *Orfeo* de Monteverdi), no Buxton International Festival (*Tamerlano* e *Lucio Silla* de Mozart) e na Opera Glassworks (*The Rake's Progress*).

É também um maestro experiente nas salas de concerto, sendo frequentemente convidado para dirigir orquestras de instrumentos de

época e modernos, entre as quais a Academy of Ancient Music, a Orchestra of the Age of Enlightenment, o English Concert, a Handel and Haydn Society em Boston, a Orquestra Barroca da Croácia, La Scintilla (Zurique), a Juilliard 415, a Orquestra de Câmara de Zurique, o Musikcollegium Winterthur, a St Paul Chamber Orchestra, a Orquestra Barroca de Wroclaw, as Orquestras de Câmara de Basileia, Moscovo e Escócia, e as Sinfónicas de Washington, Kansas, Jerusalém e da Rádio de Frankfurt. No Reino Unido dirigiu a Royal Northern Sinfonia, a Orquestra Hallé, a Sinfónica de Bournemouth, a Filarmónica Real de Liverpool, a Orquestra do Ulster e a Orquestra Real Nacional Escocesa.

A sua discografia inclui gravações com Emma Kirkby e a Royal Academy of Music (BIS), Angelika Kirschlager e a Orquestra de Câmara de Basileia (Sony BMG), Maurice Steger e o English Concert (Harmonia Mundi), e Ruby Hughes e a Orchestra of the Age of Enlightenment (Chandos), bem como um ciclo de óperas e concertos gravados no Festival Internacional Händel de Göttingen (Accent). Gravou ainda numerosos discos em recital de cravo solo e música de câmara para a Naxos.

Foi bolseiro de órgão no Christ Church em Oxford, onde se diplomou com distinção. Até 2012, foi director dos estudos de Performance Histórica na Royal Academy of Music, criando no curriculum a prática em orquestras barrocas e clássicas. É agora *William Crotch Professor* de Interpretação Histórica.

Persephone Gibbs violino

Natural dos Estados Unidos da América e aclamada pela Time Out como “estrela do violino barroco”, Persephone Gibbs estudou com Dorothy DeLay na Juilliard, diplomou-se em Inglês (Yale) e Direito (Columbia), improvisou numa banda de rock e dedicou-se a dançar tango antes de se mudar para Londres para estudar com David Takeno e Rachel Podger na Guildhall School of Music.

Persephone Gibbs é directora artística do Devon Baroque, com o qual conquistou a crítica até 2020, regressando aos palcos em 2022. Dirigiu e tocou frequentemente concertos em St Martin-in-the-Fields (Londres) e com Temple Players e Instruments of Time and Truth. Apresentou-se como solista na BBC Radio 3 e na WQXR-FM de Nova Iorque, e é concertino assistente da Early Opera Company e da Academy of Ancient Music. Como membro de longa data da AAM e do Gabrieli Consort, manteve-se permanentemente activa como instrumentista de ambos os grupos, em transmissões de pequena escala pela internet, durante o confinamento.

É muito requisitada como música de câmara. Programou e tocou sonatas no “Vermeer and Music”, uma colaboração da AAM com a National Gallery, dirigiu concertos de câmara no Kensington Palace e tocou quintetos com a Orchestra of the Age of Enlightenment. Fez parte do grupo de cordas do século XVII na Early Opera Company, interpretando *L’Ormino* e *Orpheus* no Sam Wanamaker Playhouse. É fundadora do grupo Gut Instinct, que se dedica à pesquisa e à interpretação de música pouco conhecida para dois ou três violinos e contínuo.

No seu tempo livre, Persephone toca com amigos em cocktails historicamente informados e tenta, sem grande sucesso, aprender mandarim como autodidacta.

Filipe Quaresma violoncelo

Filipe Quaresma concilia a sua intensa carreira a solo e de música de câmara com a actividade de professor de violoncelo na ESMAE, o lugar de primeiro violoncelo na Orquestra Barroca Casa da Música e no Darcos Ensemble, principal violoncelo convidado do Remix Ensemble Casa da Música e do Sond’Ar-te Electric Ensemble e, desde 2013, violoncelo convidado da Orchestre Révolutionnaire et Romantique de Sir John Eliot Gardiner.

Músico regular de recitais, música de câmara e orquestra, Filipe Quaresma apresenta-se nas principais salas e festivais de Portugal, da Europa e dos Estados Unidos da América. Estudou com David Strange e Mats Lidström na Royal Academy of Music e com Natalia Gutman na Scuola di Musica di Fiesole (Itália). Detentor do prestigiado título ARAM (Associate Royal Academy of Music), ganhou também vários prémios e bolsas de prestígio nacional e internacional.

Desde a sua estreia, aos 16 anos, tocou a solo com várias orquestras nacionais e internacionais. Estreou o Concerto para violoncelo e orquestra, a si dedicado, de Luís Tinoco, com a Orquestra Sinfónica Portuguesa e Pedro Neves, assim como o concerto para violoncelo *Circumnavigare* de António Chagas Rosa com a Orquestra Metropolitana de Lisboa e Pedro Amaral. A sua vasta discografia inclui *Música Portuguesa para Violoncelo Solo*, *Sonatas para violoncelo e piano* (Artway Records, 2017) e *Beethoven Cello Sonatas & Variations* (Artway Records, 2021). No final de 2022, será lançado *Suites para violoncelo solo de Bach* (Next, 2022), gravado com o violoncelo Montagnana “Suggia”, gentilmente cedido pela Câmara Municipal do Porto.

Trevor McTait viola

Trevor McTait estudou violino no departamento júnior da Royal Academy of Music em Londres. Estudou música na Universidade de Cambridge, onde apresentou o concerto de Casadesus ao estilo de J. C. Bach, no Fitzwilliam College. A seguir obteve um diploma de pós-graduação em viola d'arco na Royal Academy of Music (RAM), tendo obtido também a Leverhulme Fellowship para música de câmara.

Entre 1998 e 2000, foi Solista A da Orquestra de Jovens da União Europeia. Foi galardoado com o Prémio Moir Carnegie (RAM) e o Prix Orphée — SACEM (França) pela melhor gravação de ópera do século XXI (*Philomela*), em 2010. Participou em diversas edições fonográficas como intérprete, tais como: banda sonora para *The man born to be king* (1999), Sinfonia n.º 7 de Mahler (OJUE, 1999), *The Musical Landscape* (Solistas da RAM, 1999) etc.

Em Londres, trabalhou assiduamente como músico convidado na Orquestra Sinfónica da BBC e violetista no Quarteto de Cordas Archinto. Este quarteto actuava no Wigmore Hall e em várias sociedades musicais de Inglaterra. Trabalhou também com a Filarmónica e a Sinfónica de Londres, o Chroma Ensemble e, aos fins-de-semana, na Igreja de St. Martin-in-the-Fields, onde tocou regularmente concertos de Vivaldi e Händel.

Trevor McTait vive em Vila Nova de Gaia. É viola principal do Remix Ensemble e da Orquestra Barroca Casa da Música, e professor de viola d'arco na Escola Profissional de Música de Espinho. Recebe convites para tocar com a Orquestra do Ensemble Modern (Frankfurt), o MusikFabrik (Colónia), a Basel Sinfonietta e várias orquestras e grupos de música de câmara em Portugal.

Raquel Massadas viola

Raquel Massadas nasceu em Portugal, onde começou a aprender música aos 4 anos de idade. Estudou no Conservatório de Música de Aveiro e na Academia Nacional Superior de Orquestra em Lisboa, e mais tarde na Northwestern University em Chicago e no Royal College of Music de Londres, com Itzhak Rashkovsky e Simon Rowland-Jones. Foi violetista da Orquestra Filarmónica da Malásia e da Orquestra Gulbenkian em Lisboa, iniciando depois os estudos de música barroca com Richard Gwilt e Enrico Onofri, e seguidamente com Elizabeth Wallfisch. Expandiu o seu repertório através da prática adicional de viola d'amore.

Raquel Massadas foi membro da Orquestra Barroca da União Europeia, dirigida por Lars Ulrik Mortensen. Percorreu o mundo apresentando-se pela Europa e em países como China, Japão, Austrália, Nova Zelândia, Malásia, Singapura, México e EUA. Participa em numerosas gravações das editoras Sony, cpo, Harmonia Mundi, Enja Records, Signum Classics, Berlin Classics e Naxos. É a viola principal da B'Rock Orchestra, dos Deutsche Händel-Solisten, da Real Câmara — Baroque Orchestra, do Ensemble Bonne Corde e dos Barocksolisten München, e membro da Orquestra Barroca Casa da Música e da Dresdner Festspielorchester. Toca regularmente com a Freiburger Barock Orchester, Vox Luminis, Il Gardelino, L'Arpeggiata e Les Musiciens du Prince. Gravou os Quintetos de Ferdinand Ries com o Schuppanzigh Quartett.

Publicou os livros *Quarto Crescente* (2020) e *13 autores com poesia de arrasar — Coletivo de Poesia* (2022).

Pedro Castro oboé

Pedro Castro nasceu em 1977, no Porto. Estudou flauta de bisel com Pedro Couto Soares, Reine Marie Verhagen e Sébastien Marq na ESML (Lisboa), na HKU (Utrecht) e no Conservatório Real de Haia, onde estudou também oboés históricos com Ku Ebinge. Na Holanda, foi bolseiro do Centro Nacional de Cultura. Concluiu o Mestrado em Artes Musicais na FOSH e na ESML (2008) e o Doutoramento em Música na Universidade de Aveiro (2017), como bolseiro da FCT. A sua formação incluiu vários estágios com a Orquestra Barroca da União Europeia, como oboísta principal.

Colabora como oboísta e flautista em inúmeros grupos de interpretação historicamente informada por toda a Europa. É oboísta principal da Orquestra Barroca Casa da Música. É o coordenador artístico do agrupamento Concerto Campestre, com o qual realizou e dirigiu concertos em Portugal e Espanha, incluindo a estreia moderna da serenata *L'Angelica* de João de Sousa Carvalho e a sua primeira gravação moderna, editada pela Naxos em 2016.

Ensina actualmente oboés históricos e música de câmara na ESML/IPL e na ESMAE/IPP, como professor adjunto convidado.

É investigador integrado do INET-MD. As áreas de investigação a que se tem dedicado abrangem a realidade musical setecentista em Portugal, a prática musical historicamente informada, as funções políticas e representativas da ópera e serenata setecentista em Portugal e a organologia dos oboés históricos.

Andreia Carvalho oboé

Andreia Carvalho nasceu no Porto, em 1981, tendo iniciado os estudos musicais no Conservatório de Música do Porto, no qual concluiu o Curso Complementar de Oboé. Participou em várias masterclasses com os oboístas Ricardo Lopes, Alex Klein, Stefan Schilli, Diethelm Jonas, Marcel Ponseele e Alfredo Bernardini. Realizou concertos com agrupamentos como a Orquestra de Sopros e a Orquestra Clássica do Conservatório de Música do Porto, a Orquestra de Jovens do Concelho de Santa Maria da Feira dirigida pelos maestros Paulo Martins e Osvaldo Ferreira, a Orquestra “Sine Nomine” dirigida pelo maestro Cónego Ferreira dos Santos e a Orquestra da Fundação Conservatório Regional de Gaia.

É licenciada em Música Antiga/Oboé Barroco pela ESMAE, onde estudou com Pedro Castro, e mestranda em Ensino de Música/Formação Musical e Educação Musical no Ensino Básico. Concluiu o primeiro ano do Mestrado em Música Antiga/Oboé Barroco. É directora pedagógica da EMARA — Escola de Música desde 2013.

Tem trabalhado com várias orquestras, entre as quais: Flores de Música, Capela Real, Divino Sospiro (sob a direcção de Massimo Mazeo, Enrico Onofri, Alberto Grazi, Chiara Bachini e Marc Hantäi), Sete Lágrimas, Músicos do Tejo e Orquestra Barroca de Sevilha. É membro residente da Orquestra Barroca Casa da Música, dirigida por Laurence Cummings, tendo também trabalhado com maestros de renome como Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Christophe Rousset, Riccardo Minasi, Dmitri Sinkovsky, Paul McCreesh, Andreas Staier e Rachel Podger.

Orquestra Barroca Casa da Música

Laurence Cummings maestro titular

Orquestra Barroca Casa da Música formou-se em 2006 com a finalidade de interpretar a música barroca numa perspectiva historicamente informada. Para além do trabalho regular com o seu maestro titular, Laurence Cummings, a orquestra apresentou-se sob a direção de Rinaldo Alessandrini, Alfredo Bernardini, Amandine Beyer, Fabio Biondi, Harry Christophers, Antonio Florio, Paul Hillier, Paul McCreech, Riccardo Minasi, Hervé Niquet, Andrew Parrott, Rachel Podger, Christophe Rousset, Dmitri Sinkovsky, Andreas Staier e Masaaki Suzuki, na companhia de solistas como Andreas Staier, Roberta Invernizzi, Franco Fagioli, Peter Kooij, Dmitri Sinkovsky, Alina Ibragimova, Rachel Podger, Marie Lys, Iestyn Davies, Rowan Pierce, Andreas Scholl, Pieter Wispelwey e os agrupamentos The Sixteen, Coro Casa da Música e Coro Infantil Casa da Música.

Os concertos da Orquestra Barroca têm recebido a unânime aclamação da crítica nacional e internacional. Fez a estreia portuguesa da ópera *Ottone* de Händel e, em 2012, a estreia moderna da obra *L'ippolito* de Francisco António de Almeida. Apresentou-se em digressão em Espanha (Festival de Música Antiga de Úbeda y Baeza e em Ourense), Inglaterra (Festival Handel de Londres), França (Ópera de Dijon e Festivais Barrocos de Sablé e de Ambronay), Alemanha (BASF em Ludwigshafen am Rhein), Áustria (Konzerthaus de Viena) e China (Conservatório de Música da China em Pequim), além de concertos em várias cidades portuguesas – incluindo os festivais Braga Barroca e Noites de Queluz. Ao lado do Coro Casa da Música, interpretou Cantatas de Natal,

a Missa em Si menor e as Oratórias de Páscoa, de Ascensão e de Natal de Bach, *Te Deum* e *Missa Assumpta est Maria* de Charpentier, o *Messias* de Händel e as *Vésperas de Santo Inácio* de Domenico Zipoli. Em 2015 estreou-se no Palau de la Musica em Barcelona, conquistando elogios entusiasmados da crítica. Ainda no mesmo ano, mereceu destaque a integral dos *Concertos Brandeburgueses* sob a direção de Laurence Cummings. Tem tocado regularmente com o cravista de renome internacional Andreas Staier, com quem gravou o disco *À Portuguesa* (Harmonia Mundi, 2018), que incluiu dois concertos de Carlos Seixas e foi apresentado em atuações no Porto e em digressão — Ópera de Dijon, BASF em Ludwigshafen am Rhein, Konzerthaus de Viena e Noites de Queluz em Sintra. Nas últimas temporadas, interpretou os *Stabat Mater* de Pergolesi e de Vivaldi, as *Vésperas* de Monteverdi e excertos da *Arte da Fuga* de Bach.

No repertório a apresentar em 2022, destacam-se os *Stabat Mater* de Alessandro Scarlatti e Charpentier, a *Missa de Santa Cecília* de Haydn e a *Ode para o Dia de Santa Cecília* de Händel, além de música concertante que dá protagonismo aos solistas da Orquestra. Entre as figuras de relevo internacional com quem colabora destacam-se o prestigiado maestro e cravista alemão Andreas Staier, que regressa em duas ocasiões, o virtuoso violinista Ilya Gringolts, que interpreta um Concerto para violino de Locatelli, e as vozes premiadas de Rowan Pierce, Fernando Guimarães ou Anna Dennis.

A Orquestra Barroca Casa da Música editou em CD gravações ao vivo de obras de Avison, D. Scarlatti, Carlos Seixas, Avondano, Vivaldi, Bach, Muffat, Händel e Haydn, sob a direção de alguns dos mais prestigiados maestros da actualidade internacional.

Violino I

Persephone Gibbs

Prisca Stalmarski

Cecília Falcão

Bárbara Barros

Violino II

Ariana Dantas

César Nogueira

Raquel Cravino

Sergio Suárez Rodríguez

Viola

Trevor McTait

Raquel Massadas

Violoncelo

Filipe Quaresma

Vanessa Pires

Contrabaixo

José Fidalgo

Oboé

Pedro Castro

Andreia Carvalho

Fagote

José Rodrigues Gomes

Cravo/Órgão

Rafaela Salgado

Trompas naturais

Hugo Carneiro

Jaime Resende

APOIO

APOIO

MECENAS PRINCIPAL CASA DA MÚSICA

